

ESTELA FUNERÁRIA DE SANTIAGO DOS VELHOS (*Conventus Scallabitanus*)

Foi Octávio da Veiga Ferreira quem deu conhecimento da existência, em Santiago dos Velhos (concelho de Arruda dos Vinhos), de «uma lápide sepulcral cravada ao alto», de que apresentou leitura e fotografia¹. Contudo, quer pela escassa divulgação que esse número do Boletim terá tido, quer por aí se relacionar o topónimo com a «folha de Loures» da carta geológica que o autor estava a elaborar e com Bucelas – localizou Santiago dos Velhos «a norte de Bucelas», o que, sendo verdade, não leva de imediato a que se pense em Arruda dos Vinhos – o certo é que não nos parece que o texto tenha entrado nos circuitos dos *corpora* habituais. Como, por outro lado, se trata de mera notícia, ainda que correcta, ousamos retomar o estudo epigráfico da peça, inclusive em memória do Mestre e em jeito de singela homenagem.

Trata-se de uma grande estela de calcário cinzento, de cuja inscrição hoje se vêem apenas duas linhas, pois a pedra está enterada, embora Veiga Ferreira tenha visto uma terceira, que vamos

¹ Octávio da Veiga FERREIRA, «Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos», *Junta Distrital de Lisboa – Boletim Cultural*, 79/80, 1973-74, 131-150, p. 141-142. Nesse mesmo artigo, o autor dá conta de que, «a escassos metros desta lápide», viu «um fragmento doutra pedra com inscrição mutilada», pois foi sextavada para reutilização. Apresenta, «com muita dúvida», a leitura IVLI M, na primeira linha e, deixando um espaço na paginação, que pode corresponder à presença duma outra cartela (a que, porém, se não refere), PIALMA. Considera que é «quebra-cabeças» para os «nossos epigrafistas» decifrarem; o certo é que, se, na l. 1, se pode reconstituir o genitivo IVLI (o que não destoa dos hábitos epigráficos regionais) seguido do *praenomen* a indicar o patronímico – M(*arci*) – na l. 2 teremos, certamente, um *cognomen*, que será arriscado ‘inventar’ enquanto o monumento se não voltar a encontrar.

considerar. O topo é semicircular, apresentando três semicírculos concêntricos de banda larga (diríamos), rebaixados. O texto distribuiu-se por três cartelas rectangulares – de 59 x 8 e 58,5 x 8, respectivamente, as duas actualmente a descoberto – obtidas também por desbaste da superfície. No seu todo, tipologicamente muito semelhante, por exemplo, à epígrafe de *Rufus Bovii*, da Louriceira (S. Pedro, Torres Vedras)², a denunciar fabrico da mesma oficina, quiçá³.

Dimensões: 69 (acima do solo) x 66,5 x 11,5.

AMOENA / MAELGEINI / H(ic) S(ita) E(st)

Aqui jaz Amena, de Malgeino.

Alt. das letras: l. 1: 7; l. 2: 6. l. 3: ?

A paginação seguiu a simetria natural da estela, desconhecendo-se se, na l. 3, há ou não pontos de separação entre as siglas. Caracteres actuários, amplos: A com barra; O elíptico; G de haste breve a curvar para dentro.

Epitáfio simples, dos primórdios do século I da nossa era. *Amoena* é *cognomen* latino muito frequente, usado amiúde em contextos indígenas, como aqui. O pai apresenta um nome tipicamente lusitano, *Malgeinus*, aqui grafado com mais um E, registo de uma pronúncia estranha aos ouvidos do lapicida. De resto, Abascal registara *Mailgenus* (este, a nosso ver, duvidoso), *Malceinus*, *Malcenus* e *Malgenus*; e refere a «escasa presencia de ejemplos en genitivo»⁴, de que ora aqui temos um.

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

² Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, sobretudo p. 65 para a descrição.

³ Aliás, embora com mais elementos decorativos, também destas se deve aproximar a estela que V. Mantas estudou sob o n.º 9 (*ibidem*, p. 53-60), achada em Portuqueira (Matacães, Torres Vedras), no mesmo horizonte cultural, portanto.

⁴ Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 410 e 411.



305